

VIAGEM NO TEMPO

Leandro Cruz

viagemnotempo@gmail.com

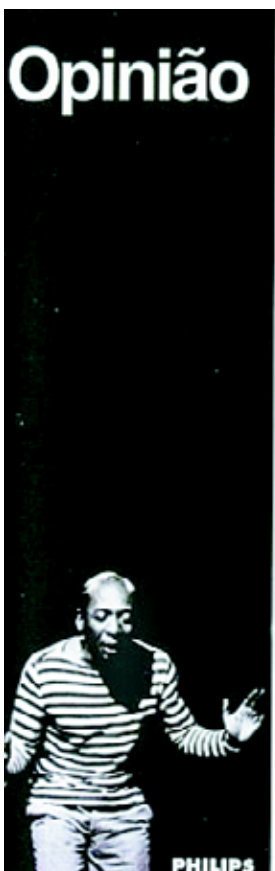
E assim nasceu a música de protesto

Era madrugada da última quinta-feira. A banda entra no palco de um festival independente organizado pelo Enxame Coletivo (<http://www.enxamecoletivo.org/>) e pelo Fora do Eixo (<http://foradoeixo.org.br/>). Guitarra, bateria a postos. O vocalista aproxima a face barbuda do microfone. E de sua boca oculta e rebelde sai um canto adormecido, que agonizava no interior rural do Brasil. Não uma letra melosa da moda, não uma letra em inglês. Mas a saudação dos cantadores peregrinos das folias de reis, dos sertanejos devotos que caminhavam de fazenda em fazenda, de casa em casa cantando louvores no tempo do Natal. "Ô de casa/Ô de fora! / Corre lá ver quem é/ são os cantadô de reis/são os cantadô de reis/ quem mandou foi São José".

Cabruera (<http://www.myspace.com/cabrueramusic/>), o grupo paraibano que mescla sons regionais com rock'n roll psicodélico, a prova de que o Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade encontra eco na nova arte brasileira, mostra sua música rebelde. Rebelde no sentido de resistência. São como Asterix culturais do sertão, resistindo a uma indústria cultural hegemônica. Repente, ciranda, forró e maracatu revisitados na distorção de instrumentos elétricos.

O show acaba. Dia seguinte é dia de trabalhar, é dia de aula. Tá todo mundo encrencado. Mas, em êxtase, o público pede mais. Eles voltam e quase cinco décadas depois de emocionar pela primeira vez, o "Carcará", de João do Vale, decola na pequena casa de shows, mais furioso do que nunca.

"Carcará / Pega, mata e come / Carcará / Num vai morrer de fome / Carcará / Mais coragem do que home / Carcará / Pega, mata e come". A música sobre a ave que simboliza a resistência e a valentia do nordestino



causara pela primeira vez o choque de sua letra violenta em 1964, na voz de Nara Leão.

Naquele dezembro, as artes estavam em crise. O Brasil havia acabado de ser tomado pela ditadura militar quando estreava o show Opinião, uma mistura de teatro, prosa e música idealizada por membros do Centro Popular de Cultura da União Nacional do Estudantes, já na ilegalidade.

Juntaram feras de diferentes realidades: o malandro carioca, representado pelo sambista Zé Keti; o nordestino emigrado, João do Vale; e a mocinha da sociedade, a ex-musa da Bossa Nova (e futura musa da Tropicália) Nara Leão. Gente de diferentes origens, mas que compartilhavam de uma mesma opinião: a de que era

preciso denunciar com a arte as injustiças e os sofrimentos do povo brasileiro.

Narrativas pessoais, causos se intercalavam com músicas que levantavam a reflexão sobre os problemas sociais do país. Era o nascimento da "música de protesto" como temática dentro de uma nova MPB, uma MPB militante. Filho de "Opinião" são as canções de Chico, Vandrê e tantos outros que vieram depois.

Quando Nara fica doente, manda chamar uma menina desconhecida lá da Bahia, irmã de um outro baianinho músico que tentava a sorte no Sudeste. Tratava-se de Maria Bethânia, de 18 aninhos, irmã de Caetano Veloso. "É bom que essa moça cante muito, porque bonita...", disse maldosamente um dos colegas da produção (que não vou citar o nome, pois apesar do escorregão, é uma pessoa de respeito e história). E sim, ela cantava absurdamente bem. Sua voz forte em "Carcará" emocionava, rasgava a carne como o bico do gaviãozinho.

Zé Keti, o sambista que invadiu a embaixada com um violão para cantar aos presos políticos que estavam sendo exilados para o Chile, de modo que levassem uma lembrança boa de seu país, também colaborou com boa parte das músicas do show, como "Acender as velas", sobre a banalização da morte nas favelas.

João do Vale, o mesmo que criou "Peça na pimenta", a engraçada música cheia de duplos sentidos de conotação sexual no começo do show, também protagonizava um dos momentos mais emocionantes e tristes do show, quando lia a carta que deixou para sua família quando fugiu de sua casa no Maranhão para tentar uma vida melhor aos 14 anos.

Para fazer a justa memória a esses artistas, neste final de semana pelo Twitter (<http://twitter.com/leandrojacruz>) e pelo blog ([www.viagemnotempo.com.br](http://www.viagemnotempo.com.br)) vou postar vídeos, músicas e mais materiais sobre esses iniciadores da resistência (contra)cultural no indigesto período de repressão. Eles merecem, pois na minha opinião, arte eterna é aquela que busca transformar o mundo e fazer história. "Podem me prender, podem me bater. Podem até deixar-me sem comer. Que eu não mudo de opinião".

D. IRINEU WILGES

bispow@bol.com.br

Conversando com o povo de Deus (482)

A História da Igreja no RS (2)

Com a destruição das Missões, sobram muitas crianças indígenas que foram recolhidas em aldeias de meninos entre São José do Norte e Mostardas e as meninas, em Gravataí. Para Cachoeira do Sul, fundada em 1750, vieram índios da Missão de São Nicolau. A primeira igreja chamava-se São Nicolau. Depois, em 1760, o nome da Igreja mudou para o local atual e se chamou Nossa Senhora da Imaculada Conceição. De 1750 para cá, por iniciativa do bispo do Rio foram criadas diversas paróquias, entre elas as de Triunfo, Santo Antônio da Patrulha, Rio Pardo, Taquari, Vacaria, Porto Alegre e Santo Amaro.

Imagina o bispo do Rio fazer pessoalmente visitas pastorais ao Rio Grande do Sul! Por isso, a partir de 1792, começou a mandar padres como visitantes diocesanos. Mas no ano de 1815, Dom José Caetano fez pessoalmente a visita às 13 paróquias existentes. Constatou o quê? Grave ignorância religiosa. Culpa dos padres malformados e de suas ocupações civis: negociantes, agrimensores, escrivães, etc. Recomendou a catequese também aos domingos. O último bispo que nos visitou foi Dom Manoel, entre 1845 a 1846, após a Revolução

Farroupilha e o Cisma Riograndense. Encontraram uma Igreja em falência. Só a criação de uma diocese em Porto Alegre poderia ajudar a resolver os problemas.

Em 1835, quando se inicia a Revolução Farroupilha, havia só 32 paróquias, muitas sem padre. Havia carência de vocações e havendo, deviam ir estudar no Seminário do Rio. Do outro lado, havia também padres muito letrados como professores de latim e retórica. Havia gabinetes de leitura em Porto Alegre, onde se liam jornais e livros e se discutiam problemas da atualidade, dirigidas por padres. Os principais redatores do Jornal Compilador, de Porto Alegre, eram padres. O Partido Farroupilha, que em 1835 fez a maioria do Legislativo, entre os eleitos havia quatro padres. Diante da Revolução Farroupilha, o clero se dividiu em três grupos: os que apoiavam a Revolução, que foi um número bem grande; os que eram perseguidos porque contrários e os que ficaram alheios. O Pe. Francisco das Chagas ajudou na redação da Constituição Republicana. Depois, para negociar a paz com o Duque de Caxias, ele estava lá, representando a Revolução.

Com a proclamação da República Riograndense, Bento Gonçalves nomeou

Vigário Apostólico o Pe. Chagas. Assim, a Igreja do Rio Grande do Sul ficou separada da diocese do Rio e por isso, também separada de Roma. Isso significa Cisma. O Pe. Chagas dava dispensas para casamentos e nomeava párocos. Fazia papel de bispo. Quando a Revolução terminou, o padre se recolheu em Porto Alegre, arrependido e esperando a reconciliação, que aconteceu com a visita do bispo do Rio. Em 1853, foi chamado pelo novo bispo a ser secretário do Bispado e reitor do primeiro seminário da capital. Coisas da história. As consequências religiosas foram o atraso da criação da diocese de Porto Alegre, afetando bastante o trabalho pastoral. Por que o Rio Grande do Sul fez a Revolução? Foi uma revolução de fazendeiros gaúchos, principalmente da elite mandante, descontentes com os altos impostos cobrados pelo Governo Imperial. (Não deixe de ler o livro do historiador Dom Zeno, "História da Igreja no Brasil e no RS").

Uma palavra sobre a escravidão negra: ela veio para o estado junto com o colonizador português. O Rio Grande do Sul nasceu como um estado de criação de gado. A primeira fase foi da venda do couro para a Europa e a segunda, a do

charque. O gado foi introduzido pelo Pe. Mendoza (1634), que ensinou aos índios a criá-lo, gado que se espalhou pelos campos. Minas Gerais precisava de charque para alimentar a sua população e o gaúcho começou a dedicar-se cada vez mais à pecuária. Para isso, não bastava escravizar o índio: era necessário buscar mais escravos negros, que não vieram diretamente da África, mas do Rio e da Bahia. Os escravos temiam ser vendidos para cá, porque corria a notícia de que o negro aqui morria antes de completar 10 anos nas charqueadas, por causa do sal. Os negros, aos milhares, vieram para cá a partir de 1780. Em Cachoeira tivemos charqueadas e há um lugar ainda hoje chamado Volta da Charqueada. Os negros foram batizados, mas superficialmente evangelizados. Tinham as suas igrejas, Nossa Senhora do Rosário, e as suas Irmandades. Foram sempre muito devotos de Nossa Senhora. Houve resistências à escravidão. Houve quilombos. Surgiram lendas, como a do Negrinho do Pastoreio. Parece que a escravidão do RS foi mais branda e aqui se acelerou a libertação antes do ato oficial (13 de maio de 1888). Eles combateram na Revolução Farroupilha (1835-45) e na guerra do Paraguai (1864-1870).